

A dissolução de categorias de sexualidade e género em *Trans Iberic Love* (2013), de Raquel Freire

Alexander Altevoigt

Georg-August-Universität Göttingen

• alexander.altevoigt@uni-goettingen.de

ORCID 0009-0006-2951-9705

DOI

<https://doi.org/10.34913/journals/lingua-lugar.2024.e1907>

Este artigo analisa a dissolução de categorias de sexualidade e gênero no romance *Trans Iberic Love* (2013), de Raquel Freire. Numa primeira parte, serão examinados os personagens e a sua relação amorosa. Depois, seguirá a análise do gênero textual e dos intertextos do romance. Nos dois capítulos finais, será avaliada a *queerness* tanto ao nível das personagens como ao nível estético-textual, levando à questão da existência de uma “poética trans”.
Palavras-chave: *queer*; Raquel Freire; binariedade; norma cis-hetero; ambiguidade; transgênero.



Cette contribution analyse la dissolution des catégories de sexualité et de genre dans le roman Trans Iberic Love (2013) de Raquel Freire. Dans une première partie, les personnages et leur relation amoureuse seront examinés. Suivra une analyse du genre textuel et des intertextes du roman. Dans les deux derniers chapitres, la queerness sera évaluée à la fois au niveau des personnages et au niveau esthétique du texte, ce qui mènera à la question de l'existence d'une « poétique trans ».

Mots clés : *queer ; Raquel Freire ; binarité ; norme cis-hétéro ; ambigüité ; transgenre.*

Pansexualidade, bissexualidade, homossexualidade, assexualidade, trans-identidade, não-binariedade, agênero, fluidez de gênero, *queer*.... Parece paradoxal: os termos estabelecidos nos últimos anos e décadas para dar expressão linguística às mais diversas identidades de gênero e orientações sexuais e/ou afetivas têm como objetivo romper com a rígida norma cis-hetero. Ao mesmo tempo, a categorização detalhada de identidades e desejos amoroso-sexuais resulta numa panóplia de rótulos que potencialmente reinscreve identidades e fragmenta ainda mais esta minoria *queer*. O debate teórico-científico em sociologia e disciplinas vizinhas como também o ativismo político neste contexto têm sido complementados nos últimos anos por abordagens ficcionais do tema. Um exemplo contemporâneo de Portugal é *Trans Iberic Love* (2013), de Raquel Freire. Protagonizam este romance dois personagens de nomes muito significativos, Maria e José, que se encontram e estabelecem uma relação amorosa que ultrapassa, dissolve e confunde os limites da binariedade – pelo menos é o que os dois pretendem e acreditam fazer. Ambos os personagens se localizam explicitamente no espectro *queer*. As próprias identidades não cis-heterossexuais representam o núcleo tanto das suas vidas privadas como dos seus trabalhos ativistas e profissionais que os unem. Ao longo da história de amor, José e Maria renegociam normas e modelos de gênero e sexualidade, às vezes no conflito entre a rebeldia contra o sistema repressivo, por um lado, e o desejo de uma relação amorosa convencional.

O romance, que segue na maior parte uma estrutura em jeito de diário de Maria e José, integra diferentes gêneros textuais (epistolar, ensaístico, narrativo), desafiando assim as convenções literárias. Em combinação com as identidades e sexualidades diversíssimas presentes nela, a obra de Raquel Freire representa um exemplo da dissolução de categorias rígidas, tantas vezes citada como característica fundamental de uma contemporaneidade *queer*. O presente trabalho pretende mostrar a ambiguidade a vários níveis: corporal, identitário, amoroso e textual.

Os personagens: Maria e José

Maria nasceu no Porto e vive em Lisboa. Foi-lhe atribuído o sexo feminino ao nascimento e autoidentifica-se, na maior parte do livro, também como mulher. Reflexiona intensamente sobre a sua orientação amorosa e sexual, usando muitas vezes o conceito e às vezes a palavra “pansexual” para si mesma (Freire, 2013, pp. 25, 35, 110). O seu histórico familiar está cheio de figuras revolucionárias e intelectuais da esquerda (Freire, 2013, p. 242). O seu trabalho de escritora e diretora de filmes leva-a a muitas

idades, sobretudo na Europa, mas vive numa situação descrita como economicamente precária (Freire, 2013, p. 21). Tem amizades por toda a parte e parece ser a estrela da sua própria “tribo”, palavra sempre usada neste contexto.

José é um homem trans, que também se identifica como “um feminista lésbica” (Freire, 2013, p. 49) e cuja orientação sexual não é definida claramente no romance, embora afirme não ser homossexual (Freire, 2013, p. 48). Vem de uma família rica, intelectual e cosmopolita que tem casas em vários lugares. Catalão, espanhol, francês e inglês são as línguas que lhe servem na sua vida profissional, e o português ocupará logo um lugar especial na sua vida privada. Criança prodígio, José é docente universitário já aos 20 anos com o seu doutoramento concluído. É sociólogo, especializado nos estudos *queer*, e vive e trabalha predominantemente em Barcelona. Além do seu trabalho académico, organiza constantemente congressos, manifestações e outros encontros intervencionais. O seu trabalho ganha cada vez mais visibilidade: dá uma palestra em Nova Iorque na ONU (Freire, 2013, p. 193) e participa num programa de debate político na televisão nacional espanhola (Freire, 2013, p. 278). José é descrito como um atleta que não bebe nem fuma (Freire, 2013, p. 50). Ele, tal como Maria, tem a sua “tribo” de amigos mais próximos.

O encontro

Os caminhos de José e de Maria cruzam-se em Paris em janeiro de 2007 num dos numerosos fóruns revolucionários. Maria tem 31, José 20 anos. Como o romance mostra sempre as duas perspetivas dos protagonistas em alternância, os leitores vivem muitos dos momentos duas vezes. Assim, o público pode ver que, para os dois, o encontro é um verdadeiro momento de amor à primeira vista. Maria tenta, em vão, ignorar José na multidão de pessoas, mas para ela é óbvio que “aquele miúdo [...] [é] a estrela da companhia” (Freire, 2013, p. 71). Um amigo gay de Maria experimenta a confusão total, porque não consegue conciliar a sua própria homossexualidade com a atração extraordinária que sente pelo género ambíguo de José, mas para Maria, a dúvida sobre o género de José não importa. Ela chega à conclusão que “ele é o José. Ele é tudo. Ele é o que ele quiser” (Freire, 2013, p. 77). Para José, este primeiro encontro é quase igual: repara na posição elevada que Maria tem na sua “tribo”, considerando até que “ninguém pode brilhar tanto. Ninguém tem o direito de ser uma lua cheia” (Freire, 2013, p. 88).

Entende-se então que a relação intensa que está a formar-se é uma união de duas estrelas nos seus respetivos contextos sociais. A união vai durar precisamente um ano e está marcada pela distância espacial entre Lisboa e Barcelona, pela troca de e-mails no estilo de cartas de amor e pela intensidade extrema nos momentos de encontro.

Uma relação *queer* e/ou convencional?

Sem conhecer o contexto *queer* da relação amorosa entre Maria e José e assumindo pessoas cis por detrás dos dois nomes emblemáticos, poder-se-ia pensar que se trata de uma história de amor convencional, heterossexual e até um pouco *kitsch*. Os dois amantes experimentam um verdadeiro amor à primeira vista e trocam profusamente palavras de afeto. Aqui e ali, o texto torna-se num romance epistolar contemporâneo, ao citarem-se e-mails de amor entre os dois quando se encontram em cantos diferentes da Europa, sobretudo Barcelona, Lisboa e Paris. Toda esta construção faz-nos entender a intensidade inicial da relação, que não está nada fora do “normal” que se conhece de milhares de livros e filmes de amor:

Mimos e carinhos dos que galgam todas as distâncias. Tua portuguesa, Maria. (Freire, 2013, p. 132)

[...] Que estou perdidamente apaixonado e que quando tu quiseres, eu estou pronto para ir ao teu país, para te conhecer melhor, a ti e às pessoas que amas. Aqui estou, a teu lado. *T'estimo mol*. José (Freire, 2013, p. 155)

Esta normalidade também é importante para Maria. Numa discussão bastante acalorada que conduz com uma amiga, ela defende a singularidade de cada combinação de duas pessoas como o “normal”, enquanto a amiga quer convencê-la da particularidade de estar com um homem trans. A amiga afirma que há regras especiais. Maria interpreta o aviso da amiga como arrogante e paternalista e tem a sua própria ideia de como é o sexo de duas pessoas, independentemente dos seus géneros:

— Sabes mesmo? Já estiveste com uma pessoa... assim? [...] Sabes as regras? [...] Sabes que não podes tocar certas partes do corpo... Tens que pedir *permissão*. [...] Tens que ter muita atenção. (Freire, 2013 pp. 104-105; *itálicos no original*)

A intimidade é uma viagem sem mapa, são as pessoas que vão criando as suas regras. [...] cada vez que tenho umx parceirx novx, aprendo a dançar com elx. (Freire, 2013, p. 105)

Contudo, tem que reconhecer pouco tempo depois que, sim, há aspetos particulares no contato físico com José: como ele aplica regularmente gel de testosterona, não quer que Maria toque nas partes tratadas, nas pernas, por exemplo. José receia um efeito masculinizante no corpo dela, como foi o caso com a ex-namorada: “Depois começou a passar-se, que lhe estavam a crescer pêlos nos braços, que a voz estava a mudar, e eu jurei a mim mesmo que nunca ia deixar mais ninguém tocar-me.” (Freire, 2013, p. 116). Esta, no entanto, gosta da ideia de transformar o próprio corpo e fica fascinada pela força do gel. Começa a aplicá-lo também, com a consequência de uma perda de peso, uma estatura mais muscular e maior pilosidade em todo o corpo (Freire, 2013, p. 187). José repara nas mudanças no corpo de Maria, mas não partilha as suas dúvidas com ela. Quando, mais tarde, José decide parar de aplicar o gel, por medo de efeitos negativos, Maria defende o uso do gel e quer convencer o namorado de continuar com a terapia (Freire, 2013, p. 198). A atitude de Maria para com a testosterona oscila entre a curiosidade, a adoração e a fetichização (Freire, 2013, pp. 186-187). O sexo biológico como algo supostamente dado naturalmente, paralelamente com o corpo, é posto em questão, e Maria assume o controlo, o poder sobre o seu próprio corpo de uma maneira nunca dantes vivida. Esta experiência com o gel hormonal torna-se pois numa vivência singular para Maria, impossível numa relação cis-heterossexual.

Outra particularidade que nasce do contexto político *queer* dos dois amantes é a discussão sobre o amor como conceito heterossexual, e até instrumento do poder heterossexual. As opiniões de alguns dos amigos que ridiculizam o amor como uma “coisa melosa, querida e fofa” (Freire, 2013, p. 225) ferem os sentimentos que Maria e José sentem um pelo outro e, de uma maneira muito subtil, deslegitimam o amor entre eles. Não é uma consequência imediata desta discussão, mas a separação dos dois depois de um ano de relação intimíssima insere-se neste contexto. José exprime várias vezes o forte desejo de se casar com Maria e de partilhar a mesma casa, de preferência em Barcelona. Maria sente-se constrangida com esta ideia e recusa as propostas do José:

— Maria, tu sabes que sou sincero. [...] Enquanto estiveste fora, fiz «filmes» sobre a nossa futura vida matrimonial [...]

— [T]enho fobia ao conceito tradicional judaico-cristão de «casal».
[...]

Maria mira-me. Ela sente o nosso dilema. A subversão do sistema também se faz por dentro. (Freire, 2013, pp. 167-168)

Mais tarde, José tenta convencê-la de novo a casar-se. Tem o desejo muito forte de “firmar-lo”, levando Maria a afirmar: “De que é que tu tens medo? Eu não vou fugir.” (Freire, 2013, p. 217). Estas passagens mostram muito bem o espaço conflituoso no qual muitas pessoas e casais *queer* se encontram: a refutação de modelos convencionais, considerados como intrinsecamente anti-*queer*, não erradica automaticamente a necessidade de segurança emocional, que, segundo as normas tradicionais, só pode ser atingida no matrimónio.

A questão do género textual e dos intertextos

Não só aqui, mas em vários momentos do texto, o discurso reveste-se de um tom muito explicativo e doutrinal, por vezes também documentário. Tal se reflete, como observa Vivian Furlan, numa “mistura de acontecimentos verídicos em meio ao texto ficcional” (Furlan, 2019, p. 15), como por exemplo na referência ao assassinato da mulher trans brasileira Gisberta em 2006 no Porto. Além da menção de acontecimentos reais, desdobra-se um conjunto complexo de teorias académicas e de opiniões e exigências políticas nas conversas entre os protagonistas ou nas discussões com outros amigos, nos excertos de manifestos políticos e nas reflexões internas dos personagens. O aspeto central destas reflexões é a rejeição do sistema binário de género, defendendo-se a existência da não-binariedade e da fluidez em vários níveis de sexo e género. A imagem que Maria, José e os seus companheiros apresentam neste assunto conhece-se na teoria de género e sobretudo no ativismo *queer* sob o nome de *genderbread person*¹, um jogo de palavras que não funciona em português por se referir à palavra inglesa gingerbread, tipo de bolacha conhecido em português como “pão de mel”. As quatro dimensões da infográfica são a identidade, o sexo designado ao nascer, a atração/orientação sexual/amorosa e a expressão de género. Entende-se também que as categorias se combinam em várias constelações, sublinhando a construção social como força motriz em questões de género e sexualidade. O nível mais importante para José e Maria é a identidade individual de género, isto é a autoidentificação; mas também a nível da expressão de género² e até a nível médico-biológico³, recusam qualquer existência “natural” de binariedade. A rutura com a convergência sempre presumida pela sociedade entre a identidade

¹ A infográfica pode ser consultada aqui: <<https://www.itspronouncedmetrosexual.com/2018/10/the-genderbread-person-v4/>> (último acesso a 15/02/2024).

² Há alguns momentos de drag no romance. Uma vez, José faz a sugestão a Maria de sair como *drag kings* com duas amigas. Ele, portanto, pretende vestir-se de *drag queen*, mencionando o quão difícil seria para ele voltar “aos tempos da minha feminilidade” (Freire, 2013, p. 216). Em outro momento, Maria sai à rua como *drag king*, “uma personagem de ficção” que tem o poder de “lhe mostrar que o mundo não tinha que ser binário” (Freire, 2013, pp. 341-342).

³ A situação mais significativa neste sentido deve ser a participação de José num programa de televisão nacional, debatendo a possibilidade de homens trans engravidarem. Os participantes cis do debate têm a opinião de que um homem trans, com a sua transição, renuncia ao direito de engravidar. José tem de defender a ideia de autodeterminação corporal, dizendo ao apresentador: “Se eu quiser engravidar, não vai ser você que me vai proibir!” (Freire, 2013, p. 298).

e o corpo é um dos desafios centrais para José, cujo trabalho visa libertar as pessoas trans da obrigação de cirurgias genitais e da patologização que são instrumentos do poder biopolítico da sociedade sobre os corpos trans.

É óbvio que, depois de anular a convergência destas três categorias de gênero, a orientação amorosa e sexual também é sujeita a uma dissolução de limites fixos, sobretudo visível nas reflexões de Maria já citadas. Quando as identidades das pessoas escapam do sistema binário, as palavras “homossexual”, “heterossexual” ou “bissexual” já não fazem muito sentido.

Outra área em que José e Maria defendem a existência de realidades existentes entre ou até além da polaridade de “masculino” e “feminino”, é a língua. Como as línguas românicas têm uma morfologia de adjetivos muitas vezes binária, existem ativistas e linguistas – concretamente, é o caso dos personagens do romance – que procuram alternativas linguísticas. No texto, usa-se o “x” em vez do “a” e do “o”, o que funciona bastante bem na forma escrita, mas causa problemas na língua falada. Não se menciona solução para isso no texto, embora o “x” apareça muitas vezes em diálogos falados.

Ora, todos estes elementos teórico-explicativos inserem-se numa rede de referências académicas, entre as quais Judith Butler com a sua hipótese da construção performativa do gênero e Paul B. Preciado e o seu *Manifesto contrassexual*. Assim, os personagens com os seus depoimentos e debates quase académicos fazem do romance uma espécie híbrida entre a ficção, o ensaio académico e o manifesto político. Adotam o vocabulário analítico de Preciado quando falam do “capitalismo fármaco-pornográfico” (Freire, 2013, p. 230) que domina a vida quotidiana das pessoas. Além disso, a aplicação do gel de testosterona por Maria às escondidas de José para experimentar e compreender a transição corporal que o namorado está a viver, lembra o livro *Testo yonqui* (2008) de Paul B. Preciado, no qual o filósofo, ele mesmo trans, figura como cronista da própria transição. Mas não só os personagens se referem a teóricos como Preciado; também a autora empírica, na sua escolha dos nomes dos protagonistas, faz pensar no *Manifesto contrassexual*, no qual se lê, no Artigo 2 dos princípios da sociedade contrassexual:

Para evitar a reapropriação dos corpos como feminino ou masculino no sistema social, cada novo corpo (ou seja, cada novo contratante) terá um novo nome que escape às marcas de gênero, seja qual que for a língua empregada [...] Os José Maria poderão usar Maria José e vice-versa. (Preciado, 2011, p. 27; tradução nossa)⁴

Significa que, no romance de Raquel Freire, a união entre José e Maria pode ser entendida como uma alusão ou até referência a um novo corpo formado fora do sistema binário.⁵ A leitura possível de Maria e José como uma só entidade já se abre muito cedo no romance, antes do primeiro encontro, e sustenta então esta interpretação. Embora os dois desempenhem a função de voz narrativa, os seus estilos não se distinguem muito. Partilham até algumas particularidades como a frase “Dou por mim em...”, frequentemente empregue. Além disso, usam a mesma forma de mostrar perspectivas diferentes quando descrevem as situações que vivem, como se fosse desde o exterior: “Vi-me”, “vi-o” ou “vi-a” e “viu-se” alternam e representam graus diferentes da internalização e externalização do olhar para si próprio. E mesmo antes da fusão de Maria e José, os dois descrevem-se como “mutantes” e seres híbridos. Maria constata que “deixei der ser humana e me transformei na mutante que sou agora, meio pássaro meio réptil” (Freire, 2013, p. 16) e José considera-se “um mutante da nova era”, isto é, “uma pessoa em trânsito” (Freire, 2013, p. 57). Mais tarde, pergunta “Será que sou um daqueles animais mutantes que não é, nem será, classificável?” (Freire, 2013, p. 60). Com esta pergunta, aproxima-se da autodefinição de Maria, que também seria um animal mutante inclassificável.

Mas também depois da separação, Maria e José continuam a partilhar o mesmo corpo, metaforicamente. Cada um deles deixou rastros na existência do outro, o que é, na maioria dos casos, normal depois do fim de uma relação amorosa, mas aqui inserido na imagem de duas pessoas fundidas. Os dois reativam o seu contato, e Maria escreve, três anos depois da separação, a João: “Tenho tanto orgulho em te conhecer, em seres parte da minha vida, parte de mim” (Freire, 2013, p. 357); por outro lado, José declara, ainda mais tarde, quando fala sobre a sua luta social: “Esta luta concretizou-se quando a conheci. Ela [Maria] deu o corpo ao manifesto, a mim” (Freire, 2013, p. 384). A união mental e corporal culmina no sonho que José tem no final da história e que relata para Maria: “sonhei que estavas grávida e que vinhas ter comigo e me pedias para ir contigo ao hospital ter a criança. E eu ia. Sonhei toda a noite contigo. Grávida. A dar

⁴ “Para evitar la reapropiación de los cuerpos como femenino o masculino en el sistema social, cada nuevo cuerpo (es decir, cada nuevo contratante) llevará un nuevo nombre que escape a las marcas de género, sea cual fuese la lengua empleada. [...] Los José María podrán utilizar María José, y viceversa.” (Preciado, 2011, p. 27)

⁵ Desta maneira, entre todos os intertextos explícitos e implícitos (José Saramago, Mia Couto, Ondjaki, António Variações, Elton John, Al Berto, Mário Cesariny e muitos mais), os livros de Preciado são os mais importantes e mais visíveis – tanto para os personagens como para a autora. E faz sentido: o filósofo é um exemplo particular, sobretudo para José – a sua esfera de atividade localiza-se sobretudo em Espanha e em França; trabalha com uma abordagem autobiográfica que liga radicalmente o académico ao ativismo; e, na época, teve uma relação com uma escritora igualmente comprometida, Virginie Despentes, com quem formou um casal estrela da teoria *queer* e do feminismo europeu. Estes paralelos abrem, então, a interpretação de José como versão ficcionalizada de Paul B. Preciado e, num menor grau, de Maria como outra, de Virginie Despentes. Como Vivian Furlan salienta, a personagem de Maria possui traços autobiográficos da autora Raquel Freire, ela também “feminista, cineasta, realizadora, escritora, ativista e [...] pansexual” (Furlan, 2019, p. 152, nota 1).

à luz. E eu ao teu lado. Contigo.” (Freire, 2013, p. 399). Indiferentemente das circunstâncias biológicas exatas da gravidez de Maria, o bebê vai ser a criança comum deles, literalmente o novo corpo formado por Maria e José;⁶ por esta razão, a última palavra do texto é “Início.” (Freire, 2013, p. 399). Numa reflexão de José, encontra-se até uma referência ao nascimento de Jesus quando constata: “Eu, José e ela Maria, mãe e pai de Jesus” (Freire, 2013, p. 214). Jesus, símbolo do início de toda uma religião, funciona aqui como metáfora para uma nova ordem social e cultural e fundamentalmente *queer* que a união de Maria e José, protagonistas de *Trans Iberic Love*, vai estabelecer. O romance propõe, desta maneira, uma releitura e uma transformação das raízes da cultura cristã, inserindo-a numa nova poética, talvez classificável como “trans” ou “*queer*”.

Exemplo de uma “poética trans”?

Paul B. Preciado não limita a sua conceptualização ao espaço social, mas também reflete sobre uma poética cultural que pode ser considerada “trans” ou “*queer*”. Da sua observação de movimentos que resume sob o lema da “*revolución feminista pornopunk*” (Preciado, 2013) e das produções culturais por eles suscitadas, deduz certas características comuns. A prevalência da perspectiva da primeira pessoa, uma certa dissolução das fronteiras entre teoria e ficção, e a construção de uma linguagem emancipada⁷ são os elementos mais importantes nesta questão (Preciado, 2013, p. 275). Helena González Fernández refere-se também ao texto de Preciado e vê, entre as características assinaladas pelo filósofo, a hibridez como traço dominante comum e típico da “*escritura queer*” (González Fernández, 2023, p. 268) e/ou “trans” (p. 274). Vivian Furlan também usa esta ideia de uma “poética trans” quando analisa a polifonia das vozes narrativas de Maria e José (Furlan, 2019, p. 152), mas sem especificar esta classificação. No entanto, vê mais adiante na mudança constante das perspectivas da primeira e da terceira pessoa uma “disseminação de olhares” (Furlan, 2019, p. 152) e momentos “onde o sujeito pode ser objeto da própria vivência e ao mesmo tempo da sua observação e de seu próprio julgamento” (Furlan, 2019, p. 153). É possível perguntar, então, se esta perspectiva dupla da própria pessoa, esta experiência de facetas, corpos, visões diferentes que as pessoas trans têm em relação com a sua identidade, será talvez um elemento fulcral da “poética trans”. A técnica narrativa de Raquel Freire faz com que se efetue uma “desconstrução de

⁶ Pode pensar-se numa variação da teoria de Aristóteles que vê nos seres humanos uma só metade de um ser esférico que pode ser masculino, feminino ou andrógino. Nesta ideia de Aristóteles, que é explicada em *O Banquete*, de Platão, só a união de uma metade feminina e uma metade masculina tem o poder de procriar; no caso de José e Maria, o objetivo é a criação de um verdadeiro ser andrógino, ou, no nosso vocabulário contemporâneo, não-binário.

⁷ Preciado enumera discursos concretos dos quais a linguagem “*feminista pornopunk*” se emancipa: uma “*ortodoxia semântica*”, um “*feminismo ilustrado y liberal*” (de um contexto académico), as “*retóricas heterossexuais de la igualdad y la diferencia*” e “*lenguajes dessexualizados del feminismo de izquierda*” (Preciado, 2013, p. 275).

gênero do próprio narrador” (Furlan, 2019, p. 153). A vivência trans traz consigo uma visão particular, singular do mundo e da própria pessoa que põe em questão um sistema fundamentalmente binário: quanto ao amor, ao gênero, ao corpo. A “poética trans”, então, questiona, pela sua parte, a constelação tradicional de texto, narrador, personagens, história e ficção. Obviamente, há um grande número de textos que desafiam convenções literárias, mas o romance de Raquel Freire, aqui exemplarmente para “textos trans”, junta uma dimensão social e política ao aspeto literário, o que, até hoje, é extremamente raro na literatura portuguesa. Assim, *Trans Iberic Love* inverte normalidades, contudo, “sin poder abandonar por completa las formas materiales de violencia del discurso dominante” (Preciado, 2013, p. 276) para aplicar as estratégias que Paul B. Preciado deteta na estética “pornofeministapunk”, referindo-se aos trabalhos de Judith Butler sobre práticas culturais *queer* (*Gender Trouble, Bodies That Matter*). Significa isto que Raquel Freire, operando com dois personagens *queer*, mas com nomes simbolicamente masculino e feminino (Maria, José) e uma estrutura muito binária devida às sequências narrativas dos dois protagonistas em alternância, “marco binominal” que irrita Helena González Fernández (2023, p. 275), aceita o desafio de retomar e modificar os “materiais de violência do discurso dominante”, segundo Preciado “uma tarefa semiótico-material de alto risco” (Preciado, 2013, p. 276; tradução nossa). O elemento mais significativo neste contexto é a linguagem inclusiva que as personagens usam. Desta maneira, tanto a linguagem dos protagonistas dentro da diegese como o romance no mundo extratextual tornam-se um “instrumento político de desconstrução da própria linguagem” (Furlan, 2019, p. 157).

Na literatura de investigação, as identidades em trânsito ou inclassificáveis como metáforas de transgênero ou não-binariedade são equiparadas, muitas vezes, a “instáveis” (Klobucka, 2016, p. 331; Resende, 2018, p. 173) ou “fragmentadas” (Resende, 2018, p. 167), o que reproduz uma certa imagem: identidades fora das categorias binárias (homem/mulher; heterossexual/homossexual) são *per se* instáveis, sempre à procura de uma estabilidade e, por consequência, imperfeitas e deficientes. Este preconceito é retomado e criticado por José e Maria, não sem confessar a sua complexidade:

— Mas esta luta tem um paradoxo. Se, por um lado, defendemos que queremos mudar as mentalidades e construir um mundo onde os limites e as pressões de gênero são mais flexíveis e fluidos, por outro lado, defendemos o acesso a meios médicos... que te vão transformar numa Barbie e num Ken. (Freire, 2013, p. 199)

Significa que a crítica ao sistema binário e a reivindicação de categorias (oficiais) de género além de masculino/feminino não pode resultar numa negação do desejo de muitas pessoas trans de transformar os seus corpos dentro das normas binárias. No final das contas, cada pessoa tem o direito de decidir autonomamente o que fazer com o seu corpo e como exprimir a sua identidade de género.

Parece ser um dos grandes desafios de uma “poética trans” ou “poética *queer*”: como inserir uma nova mundivivência de um binarismo superado e de uma variedade quase infinita de identidades legítimas, de maneiras de expressão de género e também de realidades corporais num sistema ainda dominado por categorias binárias, inflexíveis e repressivas. No romance *Trans Iberic Love*, esta questão coloca-se tanto no nível da história como do discurso.

Conclusão

Independentemente de uma qualidade literária talvez discutível do romance, o livro de Raquel Freire representa uma raridade ou, pelo menos, uma singularidade na paisagem literária de Portugal. Retrata personagens que refletem explicitamente sobre as próprias identidades de género para negociar, desta maneira, a sua posição *queer* na sociedade cis-hetero-normativa e que vivem relações que representam “novas maneiras, em modo *queer*, de repensar o erotismo” (Silva 2019, p. 77). O resultado é um texto que, além de mobilizar um enorme potencial inovador, quer mencionar quase todos os tópicos atuais do feminismo *queer*: Maria dá uma lição sobre a ejaculação feminina a um homem muito mal informado; um amigo trans de José engravida e, assim, põe em questão o conceito da maternidade ser obrigatoriamente algo feminino; tematiza-se a falta de casa de banho para pessoas nem masculinas nem femininas (Freire, 2013, p. 327). Apesar deste tom por vezes doutrinal, *Trans Iberic Love* oferece perspetivas diferentes de individualidades diversas com os seus desafios como seres *queer* num mundo ainda dominado pelo patriarcado, pela heterossexualidade, por um binarismo de géneros e pelo controlo alheio sobre o corpo humano, sempre avaliado desde uma perspetiva de género. Esta multitude de temas e perspetivas corresponde à construção formal do livro que Anna Klobucka designa como uma “poética de *sampling*”, comparando-a com “a fragmentariedade polimorfa e multidirecional” das *Novas Cartas Portuguesas* (Klobucka, 2016, p. 329).

O romance recorre, contudo, a uma relação de amor passionai, frequente na história literária. Talvez seja para relativizar toda a crítica académica,

todas as análises sociológicas e todos os ideais ativistas: José e Maria vivem um ano de amor muito comparável a outras relações com temas como a distância física, necessidades diferentes de proximidade e compromisso vinculativo para o futuro em forma de matrimónio e residência conjunta, o ciúme e a liberdade pessoal e muito mais. Mostra que o debate infrutífero sobre o carácter hétero-capitalista e supostamente universal do amor, que se encontra também no livro, ainda não está terminado. Por consequência, no fim do livro que se situa no país “Ibéria”, em algum momento “[d]epois de todos os tempos” (Freire, 2013, p. 395), a luta de Maria, José e todos os seus guerrilheiros continua a ser relevante e a utopia de uma sociedade sem género, uma sociedade queer, uma sociedade sem a necessidade de rótulos identitários tarda a chegar.

Bibliografia

- Furlan, V. L. (2019). “Por uma ‘nova (des) ordem narrativa’: uma leitura de *Trans Iberic Love*, de Raquel Freire”. *Itinerários*, n. 48, pp. 151-163.
- Freire, R. (2013). *Trans Iberic Love*. Lisboa: Divina Comédia.
- González Fernández, H. (2023). “*Trans Iberic Love*, la transrevolución según Raquel Freire”. In: Medel-Bao, J. Kitsch, Cursi, Camp y Trans* en la literatura y las artes iberoamericanas. Barcelona: Icaria, pp. 267-292.
- Klobucka, A. M. (2016). “Trans-resistências: Entre *Novas Cartas Portuguesas* (1972) e *Trans Iberic Love* (2013)”. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 35, pp. 327-332.
- Preciado, P. B. (2011). *Manifiesto contrasexual*. Trad. Julio Díaz e Carolina Meloni. Barcelona: Anagrama.
- (2013). “Occupy Sex. Notas desde la revolución feministapornopunk”, in: Aliaga, J. V. e Mayayo, P. *Genealogías feministas en el arte español: 1960-2010*. Madrid: This Side Up, pp. 266-282.
- (2022). *Testo yonqui. Sexo, drogas y biopolítica*. Barcelona: Anagrama.
- Resende, M. B. M. (2018). “Performando identidades desterritorializadas: uma leitura de *Trans Iberic Love*, de Raquel Freire”. *Abril*, vol 10, n. 21, pp. 165-179.
- Silva, M. A. da (2019). “Femmes et marges d’Éros dans la littérature portugaise des XX^e et XXI^e siècles”, in: *Iberic@I*, n. 16, pp. 65-78.